

A22040

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas

E-mail: robertog@npd.ufes.br

/// No passar dos anos 1960, a “energia criativa movida pelo LSD foi sendo substituída pela aridez artística da cocaína”

Tratando de drogas

Indissociáveis da trajetória humana, as drogas se transformaram, neste mundo global, em um dos desafios centrais da vida para indivíduos, famílias e sociedades. Uma das abordagens trata dos seus enlaces com as artes. O jornalista Edmundo Barreiros e o músico Heitor Pitombo dão uma perspectiva histórica desses enlaces, contrários, a partir do séc. XIX, marcado por mortes de celebridades.

Hoje, destaca Barreiros, “há uma variedade e oferta de drogas nunca antes vista”, abrangendo “drogas artificiais das mais sofisticadas às mais vagabundas e mortais como o crack”. O ecstasy e outras substâncias sintéticas se expandiram com a cultura “clubber” e as “raves” dos anos 1990. Artistas frequentemente são vistos entrando e saindo de clínicas.

Nos primórdios, o etnobotânico Terence McKeena atribuía “as primeiras manifestações espirituais e artísticas a visões provocadas por plantas alucinógenas”. A repressão no Ocidente se deu mediante o “carimbo de bruxaria, magia e coisa do demônio”.

Na Paris do séc. XIX, “Baudelaire e outros embarcaram na moda oriental e redescobriram o haxixe”. A bebida de escritores e pintores expressionistas era

o “absinto” – um álcool muito forte. Nos EUA, posteriormente, a proibição do álcool glorificou gângsteres, rebeldes e revolucionários. Barreiros assinala que o intelectual, como Hemingway, “ganhava charme com um copo de rum em uma das mãos e um charuto em outra”.

Pitombo, por sua vez, associa a heroína, entre 1940 e 1960, a “uma enorme gama de jazzistas”. Entre os exemplos, cita que discos de Charlie Parker, como o genial “Jazz at the Massey Hall”, “jamais poderiam ter sido gravados não fosse o efeito apaziguador da droga”, por conta da sua elevada dependência.

Os hippies, para os dois autores, abraçaram o LSD nos anos 1960, “propagandeado pelo guru Timothy Leary, professor de psicologia em Harvard, e Ken Casey, autor de “O Estranho no Ninho”. Barreiros salienta que “o cinema explodiu em cores em “Zabriskie Point”, ditou comportamento em “Easy Rider”, e no universo do pó brilharam os acordes psicodélicos de Hendrix, Beatles e Janis Joplin.

No passar dos anos 1960, a “energia criativa movida pelo LSD foi sendo substituída pela aridez artística da cocaína”. A sua difusão se deu pelos mega-astros do rock e pela indústria cinematográfica americana. Os efeitos drásticos da droga levaram o “glamour” a outras drogas, em sua maioria sintéticas, indicadas no início deste artigo.

Como tratar os múltiplos sintomas do mal-estar nesta sociedade que promove a busca frenética e disseminada pelas drogas?

X